

DISCURSO E EROTISMO COMO FERRAMENTAS DE PODER EM LAVOURA ARCAICA
E UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES

by

JAMILLE OLIVEIRA BARRETO

(Under the Direction of Robert Moser)

ABSTRACT

Supported by the theoretical works of Mikhail Bakhtin, Michel Foucault, and Georges Bataille, I intend to show how discourse and eroticism are used as strategies to subvert patriarchal social structures in the books Lavoura arcaica, by Raduan Nassar, and Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, by Clarice Lispector. A comparative analysis of the two novels demonstrates the similarities between how two characters, André and Lóri, appropriate these strategies to overcome control, exposing the mechanisms by which discourse and eroticism may be manipulated within repressive structures.

INDEX WORDS: Lavoura arcaica, Uma aprendizagem, O livro dos prazeres, Raduan Nassar, Clarice Lispector, Poder, Discurso, Erotismo

DISCURSO E EROTISMO COMO FERRAMENTAS DE PODER EM LAVOURA ARCAICA
E UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES

by

JAMILLE OLIVEIRA BARRETO

B.A., Universidade Federal da Bahia, Brazil, 2002

A Thesis Submitted to the Graduate Faculty of The University of Georgia in Partial Fulfillment
of the Requirements for the Degree

MASTER OF ARTS

ATHENS, GEORGIA

2008

© 2008

Jamille Oliveira Barreto

All Rights Reserved

DISCURSO E EROTISMO COMO FERRAMENTAS DE PODER EM LAVOURA ARCAICA
E UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES

by

JAMILLE OLIVEIRA BARRETO

Major Professor:	Robert Moser
Committee:	Susan Quinlan Lesley Feracho

Electronic Version Approved:

Maureen Grasso
Dean of the Graduate School
The University of Georgia
May 2008

DEDICATION

I would like to dedicate this thesis to the two brilliant writers who have inspired me throughout the process of writing it: Raduan Nassar and Clarice Lispector.

ACKNOWLEDGEMENTS

I would like to thank my wonderful mother, Maria C. C. Oliveira, for being extremely supportive during the process of writing this thesis, as well as *minge Fründ*, Felix Rütz, and my friends Erika Vasconcelos, João Marcos Vasconcelos, and Mariana Torres-Ryan. I would also like to thank Joshua Enslen for the priceless help throughout the course.

A special thank you to my major advisor, Dr. Robert Moser, for the guidance, support, and advisement, and to professors Dr. Susan Quinlan and Dr. Lesley Feracho, for their contribution and orientation, without which this thesis would have not happened.

TABLE OF CONTENTS

	Page
ACKNOWLEDGEMENTS	v
CHAPTER	
1 Introdução	1
2 Discurso arcaico	10
3 Dualidade	26
4 Conclusão	38
WORKS CITED	46

CHAPTER 1

Introdução

Os personagens centrais das obras Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres de Clarice Lispector, e Lavoura arcaica de Raduan Nassar vivenciam as dificuldades de construir discursos próprios em estruturas sociais onde os papéis são restritos às possibilidades criadas por quem detém o poder. Uma análise comparativa entre os dois romances revela semelhanças entre as tentativas empreendidas pelos personagens Lóri, em Uma aprendizagem, e André, em Lavoura arcaica, de reverter as relações de poder utilizando as mesmas ferramentas de dominação dos opressores: o discurso e o erotismo.

Utilizando o discurso para reverter os papéis sociais, Lóri e André assemelham-se no que tange à tentativa de não reproduzir os discursos dominantes, seja o de Ulisses, que determina os rumos da relação amorosa com Lóri, ou o do pai de André, que impõe as tradições herdadas dos antepassados sem admitir outras perspectivas de pensamento.

Também há similaridades quanto ao tratamento do erotismo, já que a repressão ou procrastinação do ato sexual desencadeia mudanças nos personagens. Para Lóri, a procrastinação é a via para o crescimento pessoal e a entrega amorosa a Ulisses. Para André, a repressão da relação incestuosa com a irmã, Ana, força o abandono temporário do lar, atitude que expõe pela primeira vez a existência de discordância dentro da família.

Esta análise leva em conta os papéis que desempenham Lóri e André nas relações que os circunscrevem: Lóri vive uma oposição clássica entre os gêneros feminino e masculino, onde o homem, personificado pelo antagonista Ulisses, domina a relação. E André é reduzido a um

mero sustentáculo, membro sem papel ativo, de uma família de imigrantes libaneses chefiada por um pai conservador.

Os processos empreendidos por Lóri e André para construir discursos próprios implicam um confronto das relações de poder dominadas por Ulisses e pelo pai, porém esse confronto não é direto. É preciso, antes, que Lóri e André se apropriem do erotismo e do discurso enquanto vias de poder possíveis para alcançar novos e diferentes papéis, de forma a tornar possível a despolarização das relações sociais.

Os resultados desses processos de reversão das relações de poder são semelhantes para Lóri e André, já que ao menos conseguem contrabalancear os relacionamentos com Ulisses e o pai, embora em circunstâncias distintas. As conquistas de Lóri, que encontra o meio termo entre a independência e a entrega amorosa, e de André, que herda a posição do patriarca com a morte do pai, demonstram que a construção de novos discursos não opera independente dos discursos dominantes, podendo representar versões ou mesmo reproduções das relações de poder vigentes.

A fundamentação teórica desta tese baseia-se nos conceitos centrais de poder, discurso e erotismo. O conceito de poder, de acordo com Michel Foucault, diz respeito a:

The multiplicity of force relations immanent in the sphere in which they operate and which constitute their own organization: as the process which, through ceaseless struggle and confrontations, transforms, strengthens, or even reverses them; as the support which these force relations find in one another, thus forming a chain or a system, or on the contrary, the disjunctions and contradictions which isolate them from one another. (92)

O poder que opera nas relações está centralizado em Ulisses, em Uma aprendizagem, e no pai, em Lavoura arcaica, que utilizam o discurso para manter Lóri e André submissos à sua

vontade, à ordem que estabelecem. Porém Lóri e André buscam ativamente deslocar essa centralização dominadora utilizando as mesmas “armas” do discurso e do erotismo, como será explicitado adiante.

A noção de discurso é fornecida pela obra de Mikhail Bakhtin, que toma a linguagem enquanto ferramenta mediadora entre uma relação indissociável entre sujeito e sociedade:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. . . . Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. . . . A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (Marxismo 113)

A palavra possui, portanto, a ambivalência de pertencer a um território comum onde se situam o locutor e o interlocutor, e ao mesmo tempo de defini-los. A idéia de um território comum perpassa a criação do discurso de Lóri, que mantém relação com o de Ulisses, e da elaboração do discurso de André em relação ao do pai, que combate.

As relações sociais são, portanto, imprescindíveis para a definição dos contornos dessa linguagem utilizada por Lóri e André. Bakhtin descreve a interação entre os discursos da seguinte maneira:

As a living, socio-ideological concrete thing, as heteroglot opinion, language, for the individual consciousness, lies on the borderline between oneself and the other. The word in language is half someone else's. It becomes “one's own” only when the speaker populates it with his own intention, his own accent, when he

appropriates the word, adapting it to his own semantic and expressive intention.

(Four Essays 293-94)

A forma como Lóri e André constroem seu próprio discurso passa, portanto, pela noção de como se projetam através da palavra, mas ainda pela perspectiva Bakhtiniana de que a palavra nunca é inteiramente de uma pessoa. É essa interação entre as palavras que vai determinar as fronteiras entre os discursos em Uma aprendizagem e Lavoura arcaica.

Há também o importante conceito sobre erotismo de Georges Bataille, para quem “Eroticism, unlike simple sexual activity, is a psychological quest independent of the natural goal: reproduction and the desire for children” (11) que serve a um propósito maior de “substitute for the individual isolated discontinuity” (15) que permeia a existência humana, já que Bataille encara os seres humanos como “discontinuous beings, individuals who perish in isolation in the midst of an incomprehensible adventure, but we yearn for our lost continuity” (15). A partir dessa noção de busca por uma continuidade perdida, serão analisadas as características eróticas nos personagens como mediação para estabelecer o contínuo por meio do erotismo entre Lóri/Ulisses e André/Ana.

O contínuo de que trata Bataille acaba se tornando, no entanto, via de poder, e dentro da perspectiva do erotismo, a relação entre sexo e poder descrita por Foucault também se aplica aos relacionamentos eróticos nas duas obras, visto que “Pleasure and power do not cancel or turn back against one another; they seek out, overlap, and reinforce one another. They are linked together by complex mechanisms and devices of excitation and incitement” (48). É possível visualizar as duplas Lóri/Ulisses e André/Ana dentro da perspectiva de que o poder e o prazer coexistem e se reforçam mutuamente, já que as relações que travam entre si são mantenedoras da expectativa de consumação sexual enquanto validação da posse de um sobre o outro.

A noção de erotismo parte de um pressuposto mais geral que passa pela etimologia da palavra erotismo, cuja origem é grega e aponta para o significado “amor” (Franconi 16). Embora a aplicação desse termo leve em consideração o significado primário, está na prática mais ligada à “infinita gama de matizes sensuais que presidem a intimidade entre os sexos” (Franconi 17). Com isso, o que emerge das relações exploradas em Uma aprendizagem e Lavoura arcaica é produto dessa perspectiva da atividade sexual enquanto catalisadora de eventos. A respeito dessa função catalisadora do erotismo, Franconi diz que o erotismo é “um valor em si, independente da realização última do impulso sexual. . . . um “inventor” de caminhos, um potencial “desviador” da relação sexual com finalidade reprodutora: utiliza o sexo como fonte inesgotável de prazer e persegue os mais ousados meios para atingi-lo. . . . O erotismo invade o campo da “vontade do impossível.” (17-18)

A noção do erotismo como inventor de caminhos se aplica à relação entre Lóri e Ulisses, já que o adiamento da consumação sexual acaba permitindo a Lóri se conhecer melhor, enquanto favorece Ulisses com a transformação de Lóri em uma mulher que se entregará por inteiro. E o erotismo de André expressa precisamente a vontade do impossível, que é possuir a irmã. Por sua vez, o elemento erótico presente nessas duas obras alia-se à noção de poder que acompanha as relações humanas.

Citando o sociólogo e economista político alemão Max Weber, Franconi define qual seria o ponto em que poder e erotismo se relacionam: “Poder . . . é a probabilidade de que um agente numa relação social estará em posição de executar sua própria vontade apesar da reação contrária” (qtd. in Franconi 26). As circunstâncias de manifestação do poder enquanto imposição da vontade de um agente em posição de vantagem em uma relação social surgem mais evidentemente em Uma aprendizagem, onde Loreley e Ulisses travam uma luta desigual pelo

poder através das relações de dominação pelo discurso (masculino dominante versus feminino) e pelo próprio erotismo que emana da relação entre o casal. Em Lavoura arcaica, essa relação dominadora se estende a outros membros da família que representam diferentes níveis de poder: o pai, por exemplo, é o próprio patriarca detentor do poder do discurso, enquanto a mãe é a origem do erotismo em André, que acaba projetando sua própria carga erótica – desperta desde tão cedo – na sua relação com Ana.

Franconi chama de “discurso erótico” (28) essa manifestação do erotismo e faz a seguinte distinção: “Há . . . um discurso erótico que se aprende – portanto, ligado ao meio social –, e outro “instintivo” – protegido pelas “sombras” do inconsciente” (28). Pretendo mostrar que Nassar trata exatamente da expressão de um discurso erótico instintivo, que se manifesta ao longo da infância como resultado das carícias maternas. E a obra de Lispector elabora o conceito de erotismo apreendido no meio social, onde o papel de mulher normalmente limita-se a receptáculo do papel masculino, mais forte. Afinal é Ulisses o centro do poder na relação, instigando Lóri a uma aprendizagem até que esteja pronta para entregar-se por completo à relação amorosa.

É o erotismo que permite a Lóri se conhecer, e que conduz André à degradação e auto-destruição. O uso do erotismo enquanto estratégia de dominação por Ulisses em Uma aprendizagem é revelado no decorrer do jogo de abstinência que estabelece desde o início, onde há sedução mas não consumação sexual com Lóri. A tensão sexual entre os dois personagens mantém o vínculo entre Ulisses, homem experiente e manipulador, e Lóri, a mulher que se entrega a uma jornada de construção de um papel na relação que, na verdade, reflete um ideal de mulher que é de Ulisses. Para Lóri, o aprendizado que enfrenta com dificuldade culmina não só no aguardado momento da consumação sexual, mas ainda na descoberta de quem é e da entrega absoluta ao amor.

Já em Lavoura arcaica não há espaço no mundo arcaico criado pelo pai para que André possa se expressar, discordar, ou talvez profetizar os caminhos da sua própria vida, que incluem realizar o desejo de possuir Ana. Quando André foge do lar, não apenas foge da relação incestuosa com a irmã, mas também desafia o poder do pai, já que ausentar-se é uma forma de discordar da estrutura patriarcal, abandonando-a.

É possível visualizar uma série de paralelos com Uma aprendizagem, especialmente no que toca à utilização de uma linguagem lírica cujo propósito é enunciar uma significação que escapa ao poder de tradução das palavras. Tanto Lispector quanto Nassar trabalham com o simbolismo de essência abstrata e psicológica, embora em níveis diferentes de elaboração. Outro aspecto que norteia as duas narrativas é a dificuldade de se expressar de Lóri e André, o que justifica recorrer-se ao fluxo da consciência enquanto instrumento de análise da realidade que os circunda.

É precisamente essa técnica de representação que será analisada em Uma aprendizagem e Lavoura arcaica, na tentativa de compreender as peculiaridades dos discursos produzidos pelos personagens Lóri, protagonista do primeiro, e André, do segundo romance. A maneira de organizar os discursos de cada um desses personagens, na sua relação com os outros, é indicativa da viabilidade da exteriorização dos seus discursos até então psicológicos. É somente através da interação com os discursos dominantes, de Ulisses e do pai, que são revelados os contornos concretos e a força dos discursos de Lóri e André.

Não é por acaso que os personagens das duas obras possuem uma relação estreita com a questão das relações de poder, e que Lóri e André atravessem dificuldades para expressar um discurso próprio fora da esfera de dominação de Ulisses e do pai. Os anos de publicação de Uma aprendizagem, 1969, e Lavoura arcaica, 1975, foram marcados pela ditadura militar, entre o

governo mais sangrento, do general Emílio Garrastazu Médici (1969-74), e o que finalmente impulsionou uma abertura democrática, o do general Ernesto Geisel (1974-79). Lispector e Nassar vivenciaram e traduziram esse período opressor da história brasileira na forma dos diferentes níveis de exercício do poder que limitam a liberdade individual.

Tanto Lispector quanto Nassar buscam desmascarar as instituições e os valores sociais análogos àqueles da ditadura que restringem os papéis de Lóri e André, como o patriarcalismo, que no Brasil remonta, de acordo com o historiador Sergio Buarque de Hollanda, à época colonial onde “o princípio de autoridade é indisputado, a família colonial fornecia a idéia mais normal do poder, da respeitabilidade, da obediência e da coesão entre os homens” (82). Franconi descreve essas instituições como “instituições sociais e políticas e a sua íntima vinculação com uma moral autoritária, patriarcal e machista, presentes nos valores e ideais da sociedade brasileira contemporânea” (15). A problemática reside, portanto, na inadequação dessas estruturas sociais inflexíveis, e particularmente Raduan Nassar utiliza situações extremas que chocam e surpreendem, como o incesto.

Levar ao extremo, às últimas conseqüências, são estratégias encaradas por Franconi como formas de dar visibilidade e provocar o leitor a refletir sobre a “degenerescência das instituições, dos valores e da moral pelos quais nos governamos e somos governados” (16). A exploração da idéia do incesto entre André e Ana justifica-se por essa intenção patente de expor as raízes mais profundas do patriarcalismo, e estabelecer o próprio poder que possui o erotismo de romper seu frágil equilíbrio.

A relevância desta análise está no fato de não haver outros trabalhos acadêmicos que busquem estabelecer paralelos entre Uma aprendizagem e Lavoura arcaica a partir da disputa que Lóri e André travam com o discurso dominante. Não houve tentativas anteriores no sentido

de comparar os mecanismos do poder exercido por Ulisses e pelo pai, focalizando o discurso e o erotismo enquanto parte essencial da estratégia utilizada por Lóri e André para reverter os papéis sociais que ocupam dentro das relações sociais.

CHAPTER 2

Discurso arcaico

Publicado em 1975, o romance Lavoura arcaica, escrito por Raduan Nassar, divide-se em duas partes, “A partida” e “O retorno”. Na primeira parte, o narrador-personagem André começa a contar a sua estória em retrospectiva após o abandono do lar através das memórias evocadas durante uma conversa com o irmão mais velho Pedro, que foi à sua busca na cidade para tentar convencê-lo a voltar para a família. Descobre-se, a partir da conversa entre os dois irmãos, que André foge de um ambiente familiar patriarcal dominado pelo discurso inflexível do pai. Na segunda parte, André narra, agora no presente, o retorno ao lar, quando enfrenta pela primeira vez o pai para expor a sua insatisfação com relação ao papel passivo que ocupa na família patriarcal, e as divergências com o seu discurso dominante.

André abandona a casa da família para fugir da moral rígida do pai, dos costumes--de imigrantes libaneses--passados de geração a geração, sem mudanças. Não há espaço para expressar perspectivas diferentes onde o objetivo é perpetuar a cultura dos antepassados, desencadeando um patriarcalismo ainda mais forte por ser permeado de valores conservadores de duas realidades culturais distintas: a brasileira e a libanesa. Mas André foge principalmente porque essa estrutura social, que restringe a existência aos trabalhos braçais da fazenda e às relações familiares, o expôs a um mundo de sentimentos primitivos que são a origem do erotismo que perpassa o relacionamento com a irmã Ana.

A ausência de André não implica somente um impacto psicológico, mas também um desmembramento visível e concreto da família, refletido no vazio de uma das cadeiras da

emblemática mesa de refeições. Na mesa, que simboliza o próprio patriarcalismo, o pai está sempre à cabeceira, enquanto sentam-se à sua direita os filhos mais velhos--Pedro, Rosa, Zuleika e Huda--e à sua esquerda, a mãe e os filhos mais novos, André, Ana e Lula. São os ramos da esquerda que investem, direta ou indiretamente, contra a ordem patriarcal, enquanto os da direita são prolongamentos dessa ordem.

O abandono do lar por André é o primeiro símbolo da decadência desse modelo patriarcal representado essencialmente pelo discurso coercitivo do pai, que busca manter intactos os laços familiares. A fuga é a única maneira encontrada por André para demonstrar discordância, já que o discurso do pai não dá margem a outros discursos que coloquem em risco a estrutura familiar pela verbalização de perspectivas diferentes.

Nesse ponto, convém destacar a interferência da perversão e da transgressão enquanto conceitos integrantes dos discursos do poder: “a ação de perverter é menos configurável que a de transgredir. Mais complexa e dependente de fatores não necessariamente arrolados pela lei ou pela religião, situa-se no campo do *interdito*, estatuto que causa incômodo e medo” (Franconi 30). E esse *interdito* vem de uma noção Freudiana de que há uma organização social do instinto sexual que interdita as práticas inúteis à procriação ou preparação desta (Franconi 31).

Já a transgressão é algo implícito, ao contrário do explícito que é a perversão (Franconi 32). Parte-se do pressuposto de que há uma ordem estabelecida, e que a sua quebra é passível de punição (Franconi 33). Considerando-se o discurso do patriarca da família como detentor de um poder que cria e mantém a teia familiar, o abandono do lar por André constitui uma transgressão.

A narrativa começa com uma tentativa de Pedro de restabelecer os laços familiares abalados com a partida de André. É no quarto de pensão onde se encontra hospedado o filho que

encarna a ovelha negra da família que começa a estória, e é desse exílio que é revelado um mundo asfixiante sob a sua ótica.

Primeiramente, convém destacar que a própria maneira com que a estória é narrada é símbolo do mundo interior conflituoso de André, cuja perspectiva mostra a falta de lógica na justaposição do que se vê ao que se sente ou pensa. Desde o início do diálogo travado entre André e Pedro, há uma óbvia dissonância entre os discursos de ambos, e percebe-se claramente que embora Pedro tente servir de mediador entre o irmão e o pai, seu discurso é, na prática, mera reprodução do sermão do patriarca da família--dotado de reprimendas. Quando repreende André durante a conversa, como em “previna-se contra o deboche, estamos falando da família” (40), Pedro reafirma a censura paterna à discordância, seguindo à risca o papel de sustentáculo e defensor da estrutura familiar conservadora criada e mantida pelo pai.

É assim que André apreende o discurso do irmão, enquanto reconciliador (ou submisso) ao mesmo discurso pregado pelo pai. Se a primeira parte de Lavoura arcaica representa o rompimento dessa ordem de submissão ao poder exercido pelo discurso paterno, a segunda parte, em teoria, deveria implicar a aceitação do modo de vida simples e conservador no qual:

Os papéis sociais são hierarquicamente definidos e garantidos por uma série de preceitos de forma que o grupo sobreviva com aquela determinada organização. O [pai] é profético à maneira dos profetas bíblicos, usado uma linguagem de atemorização como forma de controle social e político, com o objetivo de unir por meio do temor e preservar sua posição hierárquica. (Rissin 6)

Da conversa com Pedro, alternando lembranças da infância, da adolescência e da fase adulta, torna-se evidente a existência primitiva de toda a família, que vive em uma fazenda na zona rural apenas com o que é estritamente necessário para sobreviver. A ordem imposta pelo

patriarca é o único sopro de civilização. O discurso do pai passa a representar a fonte teórica de educação e de costumes, e o papel de cada um é pura e simplesmente entregar-se ao trabalho seguindo os preceitos desse sermão para manter o curso das gerações, dando continuidade ao cultivo da terra e à colheita da lavoura.

É possível vislumbrar o conflito de gerações nessa velha ordem imposta pelo pai, um imigrante libanês que tenta manter os costumes isolando a família no meio rural onde a sua palavra estabelece um modo de vida baseado na repressão dos instintos e da entrega ao trabalho. Por isso, o diálogo que se estabelece entre André e Pedro representa um verdadeiro duelo, até chegar-se ao ponto em que o discurso dominante do pai finalmente vence o lado fraco que o desafia, e André, mesmo insatisfeito, retorna ao lar com Pedro.

Fica claro no decorrer dessa conversa que André não é capaz de lidar com a paixão proibida por Ana, sua irmã mais nova. Desde a infância, sempre pareceu a André muito natural o erotismo adquirido através das carícias da mãe, através do instinto--algo que Franconi define como “discurso erótico instintivo” (28). Este discurso vem dos “excessos de ternura materna, que o teria incitado a uma paixão desmedida” (Vieira 105) por Ana, que oscila entre a fantasia e o desejo carnal.

A impossibilidade de concretizar a fantasia incestuosa pela irmã o atormenta até o ponto em que dá-se conta de estar à beira de uma loucura provocada pela mistura inebriante entre a suavidade do amor e a angústia do desejo sexual. A fuga é a única saída para André, dominado pela manifestação instintiva da urgência de possuir.

A mãe, no desenrolar das lembranças, acaba se revelando como a fonte das sensações que se opõem à rigidez, racionalidade e frieza do discurso paterno, marcado por um forte caráter religioso, que reprime a possibilidade do erotismo aflorar. Para Foucault, a repressão do sexo é

uma das formas de exercício do poder, tornando-se tolerável pelo fato de mascarar parte dos mecanismos de atuação, já que “its success is proportional to its ability to hide its own mechanisms” (86). Enquanto o pai mascara o erotismo através de parábolas bíblicas para explicitar como o caráter humano é passível de inúmeras tentações, enumerando as virtudes que deve cultivar o homem (como a paciência e a supressão dos instintos), a mãe entrega-se a uma criação baseada nos sentidos mais primários. Assemelha-se mesmo a uma fêmea e seus filhotes-- é pelo tato que se comunica, como quando desperta André pela manhã:

[S]ó esperando que ela [a mãe] entrasse no quarto e me dissesse muitas vezes ‘acorda, coração’ e me tocasse muitas vezes suavemente o corpo até que eu, que fingia dormir, agarrasse suas mãos num estremecimento, e era então um jogo sutil que nossas mãos compunham debaixo do lençol, e eu ria e ela cheia de amor . . . e ela depois erguia minha cabeça contra a almofada quente do seu ventre e, curvando o corpo grosso, beijava muitas vezes meus cabelos . . . (27)

Desde cedo, esse toque, essa relação sensorial, é passada para André, que cresce com uma noção de amor vinculada às carícias maternais. A conversão em desejo sexual é consequência natural desse amor tátil que aprende com a mãe, uma “força misteriosa da sexualidade através dos primeiros contatos corporais. A amamentação, as carícias, os cuidados maternos transfundem, junto com o contato, o prazer que passa agora a existir no bebê, que passa a habitá-lo” (Rissin 9). Ora, se a própria mãe o tocava de uma maneira tão íntima, seduzindo-o com um “jogo sutil que nossas mãos compunham debaixo do lençol” (27), era mais que natural que aflorasse relacionamento semelhante ao menos com uma de suas irmãs. Aliás, esse grau de intimidade é sugerido também entre ele e Lula, o irmão mais novo.

Se a mãe interagia com o filho preferido através dessa linguagem corporal, Ana era pivô da intensificação dessa linguagem, em um convite aberto ao extravasamento do erotismo. Há um momento em particular, durante uma das duas festas que surgem na narrativa, quando fica claro o alto teor erótico do comportamento de Ana e o efeito que produz em André, que observa ao longe contorcendo-se pela angústia em possuí-la:

Essa minha irmã que, como eu, . . . trazia a peste no corpo, ela varava então o círculo que dançava e logo eu podia adivinhar seus passos precisos de cigana se deslocando no meio da roda . . . toda ela cheia de uma selvagem elegância . . . e em torno dela a roda girava cada vez mais veloz, mais delirante, as palmas de fora mais quentes e mais fortes, e mais intempestiva, e magnetizando a todos, ela roubava de repente o lenço branco do bolso de um dos moços, desfraldando-o com a mão erguida acima da cabeça enquanto serpenteava o corpo e sabia fazer as coisas, essa minha irmã, esconder primeiro bem escondido sob a língua a sua peçonha e logo morder o cacho de uva que pendia em bagos túmidos de saliva enquanto dançava no centro de todos, fazendo a vida mais turbulenta, tumultuando dores, arrancando gritos de exaltação . . . (30)

O jogo de sedução que Ana protagoniza durante a sua dança parece, no entanto, perfeitamente cabível nessas circunstâncias, camuflada pelos festejos. O próprio pai, sob a influência do álcool, se deixa levar pelos excessos festivos, abandonando as feições duras que adota no dia-a-dia e esbaldando-se na dança. Esse momento raro de extravasamento é sintomático para André e Ana, que têm seu erotismo evidenciado.

A tensão erótica com Ana é, ao mesmo tempo, fonte da libertação e da ruína de André. Os momentos de êxtase erótico nos quais deseja Ana com uma intensidade gutural o

impulsionam a deixar o lar, onde o pai reprime em seu discurso as diversas manifestações dos instintos e das paixões. Para Foucault, há uma lógica por trás desse tipo de repressão que “links the inexistent, the illicit, and the inexpressible in such a way that each is at the same time the principle and the effect of the others: one must not talk about what is forbidden until it is annulled in reality . . .” (84). É a realidade criada pelo pai que anula a manifestação das paixões, impossibilitando André de possuir a irmã.

No entanto, a direção desse discurso sexual não é tão clara em vários momentos da narrativa, embora pareça haver intenção de consumação sexual por parte somente de André na maior parte do tempo, com Ana aparecendo enquanto objeto de desejo distante e indiferente. Como coloca Franconi em relação à dinâmica entre os papéis estabelecidos pelo erotismo, “até o momento em que se vão definir as partes, é possível que as tendências de ‘dominador’ e ‘dominado’ ainda não estejam claras” (28). Ana surge, em alguns momentos, como uma mulher embebida em libido, e consciente do poder erótico que exerce sobre o irmão:

Ela sabia surpreender, essa minha irmã, sabia molhar a sua dança, embeber a sua carne, castigar a minha língua no mel litúrgico daquele favo numa insólita embriaguez, me pondo convulso e antecedente, me fazendo ver com espantosa lucidez as minhas pernas de um lado, os braços de outro, todas as minhas partes amputadas se procurando na antiga unidade do meu corpo (eu me reconstruía nessa busca! que salmoura nas minhas chagas, que ardência mais salubre nos meus transportes!), eu que estava certo, mais certo do que nunca, de que era para mim, e só para mim, que ela dançava . . . (190)

Talvez haja nessa relação entre André e Ana o que Franconi define, dentro das relações eróticas, como “os mais acentuadamente dominantes e os mais acentuadamente submissos” (28),

e os irmãos se alternem nesses papéis de dominador e dominado. É fato, porém, que quem realmente parece fazer investidas reais sobre o outro é André: e o faz tanto sobre Ana quanto sobre o irmão Lula. A questão é que essa atitude aparece através do discurso de André que, devido ao caráter subjetivo--por ser escrito em primeira pessoa--pode conter apenas a sua perspectiva, e não necessariamente os fatos.

Não é possível dizer, em meio à embriaguez das lembranças, se houve, de fato, a consumação do incesto, mas é essa força, originalmente erótica, que o incita às investidas para tentar romper e reorganizar o discurso do pai em favor da nova vida que sonha em construir ao lado da irmã. Usar as palavras do pai que indiretamente justificam a relação dos dois, como quando afirma que “a felicidade só pode ser encontrada no seio da família” (120), reforça esse discurso que se desdobra em uma tentativa de convencimento de Ana sobre a sua validade:

Foi um milagre descobrirmos acima de tudo que nos bastamos dentro dos limites da nossa própria casa, confirmando a palavra do pai de que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família; foi um milagre, querida irmã, e eu não vou permitir que este arranjo do destino se desencante . . . (120)

A relação erótica com Ana, que André tenta justificar usando as mesmas palavras do pai sobre encontrar a felicidade na família, traduz-se enquanto uma atitude que transgride o ambiente opressor, já que o pai discursa contra a exteriorização das paixões e dos instintos, defendendo que “o mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame das nossas cercas” (56). Quando se masturba, por exemplo, André consegue libertar-se do controle das pregações paternas através das fantasias eróticas que evoca mentalmente, podendo finalmente “possuir” Ana, a mulher proibida, sem sofrer julgamentos ou ser reprimido.

Finalmente, a volta de André ao lar é um momento decisivo da narrativa pois traz à tona a inflexibilidade das relações de poder dentro da família. Após as longas horas de diálogo infrutífero no quarto de pensão com Pedro, uma mera reprodução da figura patriarcal a quem André tenta convencer sobre a dimensão do seu sofrimento e a da sua opressão, finalmente chega a hora de confrontar o pai-- ainda que esse confronto seja velado, no nível do próprio discurso e através de sutilezas lingüísticas:

PAI: “Faça um esforço, meu filho, seja mais claro, não dissimule, não esconda nada do teu pai, meu coração está apertado também de ver tanta confusão na tua cabeça. Para que as pessoas se entendam, é preciso que ponham ordem em suas idéias. Palavra com palavra, meu filho.”

ANDRÉ: “Toda ordem traz uma semente de desordem, a clareza, uma semente de obscuridade, não é por outro motivo que falo como falo. Eu poderia ser claro e dizer, por exemplo, que nunca, até o instante em que decidi o contrário, eu tinha pensado em deixar a casa.” (160)

Esse jogo de palavras ajuda a evidenciar as diferentes perspectivas nesse embate de realidades que é o conjunto dos discursos de André e do pai, reforçando a impenetrabilidade do mundo desenhado pelo discurso dominante do pai. Mesmo durante essa conversa íntima entre pai e filho, mantém-se a distância cerimonial, que exime a relação das manifestações físicas de afeto. A verdade--e André a compreende bem--é que o pai não está disposto a aceitá-lo de fato, e sim a oferecer uma espécie de perdão ao seu desvio por enxergá-lo como uma fraqueza, mesmo doença. Está disposto apenas a ouvir uma confissão que admita a falha de ser a voz discordante da minoria, e oferecer a oportunidade da redenção aceitando o papel passivo que lhe foi destinado dentro da estrutura familiar.

Para André, a falta de um “lugar na mesa da família” (160) equivale a não ter uma voz dentro dessa estrutura. Sobre isso, o pai pensa na unidade, anulando qualquer possibilidade de existência de vontades ou pensamentos distintos dos seus, praticando uma verdadeira censura discursiva: “[N]unca te foi proibido sentar-se com a família, ao contrário, era esse o desejo de todos, que você nunca estivesse ausente na hora de repartir o pão” (161). É o raciocínio da neutralização da individualidade em benefício da coesão do grupo.

Com muita sutileza, o filho pródigo consegue retorquir o discurso a respeito do seu estado, que o pai considera uma “enfermidade,” expondo a ambivalência do discurso paterno: “Por ora não me interessa pela saúde de que o senhor fala, existe nela uma semente de enfermidade, assim como na minha doença existe uma poderosa semente de saúde” (162). Essa inversão de idéias demonstra como o mesmo tipo de discurso pode ser usado para propósitos completamente distintos entre si, uma característica da linguagem que Bakhtin descreve da seguinte maneira: “[T]he word does not exist in a neutral and impersonal language . . . , but rather it exists in other people’s mouths, in other people’s contexts, serving other people’s intentions . . .” (*Four Essays* 294). É através desse ponto da impessoalidade da linguagem que André tenta decompor o discurso paterno conservador. Há um verdadeiro abismo separando essas duas perspectivas, a do conservadorismo das palavras do pai e a do discurso de André, que se constrói em oposição ao discurso paterno.

André logo percebe a barreira intransponível que se eleva diante de si: “Não acredito na discussão dos meus problemas, não acredito mais em troca de pontos de vista, estou convencido, pai, de que uma planta nunca enxerga a outra” (162). Nesse ponto da conversa, vemos a demagogia desse patriarca e seu discurso arcaico: “Conversar é muito importante, meu filho, toda palavra, sim, é uma semente; entre as coisas humanas que podem nos assombrar, vem a

força do verbo em primeiro lugar; precede o uso das mãos, está no fundamento de toda prática, vinga, e se expande, e perpetua, desde que seja justo” (162). Esse discurso é demagógico justamente pela não aceitação da discordância, por considerá-la um desvio da sua norma e, por conseguinte, improcedente e imprópria.

Em dado momento, parece que André entrega o jogo, mas não é o que ocorre de fato. A constatação que faz é uma crítica ao modo de pensar do pai: “Admito que se pense o contrário, mas ainda que eu vivesse dez vidas, os resultados de um diálogo pra mim seriam sempre frutos tardios, quando colhidos” (162). A crítica de André à inflexibilidade e à simplificação que permeia a manutenção do discurso paterno, herdado de outras gerações, leva a um dos pontos mais complexos desse embate, quando o pai toca na questão da humildade:

Já basta de extravagâncias, não prossiga mais neste caminho, não se aproveitam teus discernimentos, existe anarquia no teu pensamento, ponha um ponto na tua arrogância, seja simples no uso da palavra! . . . Nesta mesa não há lugar para provocações, deixe de lado o teu orgulho, domine a víbora debaixo da tua língua, não dê ouvidos ao murmúrio do demônio, me responda como deve responder um filho, seja sobretudo humilde na postura, seja claro como deve ser um homem, acabe de uma vez com esta confusão! (168)

Essa tentativa de dar uma lição moral tem o poder de um quase convencimento, afinal a humildade impulsionaria a pura resignação do filho à realidade do pai. Querer mais do que é oferecido é uma verdadeira afronta a esse patriarca que nutre orgulho por aceitar o papel que lhe foi destinado pelos antepassados, sem contestação. No entanto, não passa de repressão ao discurso de André, que demonstra um potencial de desestabilizar a estrutura familiar patriarcal.

A questão da punição à transgressão que representa o discurso de André, porém, é problemática pelo fato da ausência de um dos membros da família tornar palpável a fragilidade dessa estrutura. Portanto, não se aplica a punição (como a expulsão ou deserção do filho) neste caso. Pelo contrário, o pai tenta trazê-lo de volta para que se consolide o poder patriarcal sobre tudo e todos dentro da casa. E o retorno realmente só é viável se houver a submissão a esse poder exercido pelo patriarca, neutralizando a discordância desestabilizadora do discurso de André.

Mas a transgressão mais forte para essa ordem é mesmo aquela que a desestabiliza publicamente, e o desfecho trágico da estória ocorre durante uma festa, desta vez para celebrar o retorno de André, onde a dança de Ana, pela sugestão da carga erótica, rompe com o caminho da supressão dos instintos que prega o pai em nome da unidade familiar. E o faz não apenas diante dos olhares dos irmãos e da mãe, mas ainda dos vizinhos com quem parecem conviver apenas por ocasião de festas. Envoltos em assessórios que André coleciona das prostitutas com quem fez sexo durante seu exílio, o jeito libertino de dançar faz com que ela pareça encarnar mais uma delas, revelando diante de todos o convite à consumação carnal:

Ana (que todos julgavam sempre na capela) surgiu impaciente numa só lufada, os cabelos soltos espalhando lavas, ligeiramente apanhados num dos lados por um coalho de sangue (que assimetria mais provocadora!), toda ela ostentando um deboche exuberante, uma borra gordurosa no lugar da boca, uma pinta de carvão acima do queixo, a gargantilha de veludo roxo apertando-lhe o pescoço, um pano murcho caindo feito flor da fresta escancarada dos seios, pulseiras nos braços, anéis nos dedos, outros aros nos tornozelos, foi assim que Ana, coberta com as quinquilharias mundanas da minha caixa, tomou de assalto a minha festa, varando com a peste no corpo o círculo que dançava, introduzindo com segurança, ali no

centro, sua petulante decadência, assombrando os olhares de espanto, suspendendo em cada boca o grito, paralisando os gestos por um instante, mas dominando a todos com seu violento ímpeto de vida . . . (188-89)

Com a dança erótica de Ana, ocorre a ruptura não somente do imaginário da ordem patriarcal, dentro dos limites do lar, mas da projeção social dela. E o patriarca adota a punição devida ao mais grave dos crimes, exterminando na frente de todos a semente do mal, a visão da latente ruína familiar. O preço da transgressão é, portanto, pago com a própria vida.

Mas até que ponto se pode afirmar que o erotismo operou por iniciativa exclusiva de André? Afinal, as mulheres da família, como na cena do banho à ocasião do retorno de André, parecem estar todas dentro dessa relação tátil que a mãe demonstra ter pelos filhos. É a herança materna da “linha da sedução” (Rissin 9), um amor que se manifesta de forma carnal dentro do confinamento em que vivem, sem outras formas de extravasar o desejo “que se oculta nas brechas das paredes da casa ou sob o tampo do cesto de roupa suja, também a mãe é deslocada para longe do foco narrativo” (Rissin 9). Não é à toa que a mãe não pode ocupar a cena principal, haja vista que esta transição de intimidade familiar/materna para desejo sexual incestuoso ocorre em contraste com o clima opressor doméstico imposto pelo patriarca. Portanto, a mãe proporciona a André um espaço que o pai jamais ofereceu.

O erotismo e a angústia pela consumação sexual com Ana não são instrumentos para André alcançar o poder, mas antes de transgressão dessa ordem, e da própria opressão física e psicológica que provoca. O erotismo, nesse sentido, surge praticamente indissociável dessas necessidades orgânicas, psicológicas e políticas cuja existência é negada pelo pai, que só admite as necessidades mais básicas do ser humano, como trabalhar e alimentar-se, mantendo a família unida em torno desse modo de vida simples.

Há ainda uma última instância dessa transgressão, que é a tentativa de estabelecer uma ponte, ou um contínuo, que não existe dentro do modelo convencional que forma a família. Essa separação, de acordo com Bataille, está na essência do ser humano, já que “between one being and another, there is a gulf, a discontinuity” (12). Transgredir é, para André, antes de tudo uma forma de romper com a falsa aparência de proximidade e aceitação, que mascara a descontinuidade com o pai. André tenta enfrentar o discurso paterno para então reconfigurá-lo.

A chave para essa re-configuração é precisamente a irmã Ana, e o erotismo que surge na relação incestuosa faz as vezes dessa continuidade. É a exploração através do toque, e da união dos corpos--ou da mera fantasia de fazê-lo--que revive essa sensação da infância de uma continuidade em todos os sentidos: com a natureza, com a família, e com o próprio Deus, que parece perpassar tudo. Essa ligação com Deus aparece nos primeiros momentos da infância: “Assim que eu me levantava Deus estava do meu lado em cima do criado-mudo, e era um deus que eu podia pegar com as mãos e que eu punha no pescoço e me enchia o peito e eu menino entrava na igreja feito balão, era boa a luz doméstica da nossa infância” (27). O pequeno André possuía, portanto, uma noção quase palpável desse divino.

Com o pai, no entanto, a forma de restabelecer esse contínuo é através do discurso, já que não há, dentro da atitude circunscrita pela cerimônia, possibilidade de aproximação de outro tipo. Mas o discurso inflexível do pai impede a formação de uma ponte, deixando para André apenas a “oportunidade” da dissolução do seu discurso ao aceitar a palavra do pai.

Tragicamente, o contínuo é inviabilizado quando Ana é morta pelo pai durante a festa para a celebração do retorno de André. Esse assassinato é a eliminação da manifestação pública dos sinais da ruína desse modo de vida arcaico, personificado na figura do patriarca. Porém, a morte do pai, que ocorre logo em seguida e sem uma causa afirmada, simboliza uma ruptura

dessa repetição de modelo retilíneo e equilibrado através do tempo (Rissin 2), e, enfim, se pode vislumbrar um esboço de transformação na família. As mortes na família são, portanto, simbólicas para André, que sofre a perda simultânea do objeto erótico--Ana--e do discurso dominante--do pai--por meio dos quais construía seu discurso, que funcionava dentro dessa dinâmica de oposições.

O final de Lavoura arcaica parece apontar na direção de que a morte de Ana, “síntese de todas as mulheres proibidas pela palavra do pai” (Rissin 11), é também a morte da possibilidade de atingir esse contínuo. Afinal é “Ana que faz o pai quebrar . . . suas próprias regras” (Rissin 13), provocando a ruína simultânea de duas realidades: a do patriarca, concreta e dominante, e a de André, tolhida em sua esperança de vir a existir. E o discurso final de André é justamente o da inevitável repetição do discurso paterno, “do qual se apropria” (Rissin 16). É a sua herança:

(Em memória de meu pai, transcrevo suas palavras: ‘e, circunstancialmente, entre posturas mais urgentes, cada um deve sentar-se num banco, plantar bem um dos pés no chão, curvar a espinha, fincar o cotovelo do braço no joelho, e, depois, na altura do queixo, apoiar a cabeça no dorso da mão, e com olhos amenos assistir ao movimento do sol e das chuvas e dos ventos, e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre seus desígnios insondáveis, sinuosos, como não se questionam nos puros planos das planícies as trilhas tortuosas, debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pêlos rebanhos: que o gado sempre vai ao poço.’) (195-96)

Esse discurso herdado, reproduzido, é, de acordo com María Wolff, sintoma de que “in mastering the language of the father's sermon, the son has, in a sense, been mastered by it” (67).

A relação com a apropriação do discurso é considerada problemática por Bakhtin, para quem “Language . . . is populated – overpopulated – with the intentions of others” (Four Essays 294). E André finaliza a sua narrativa exatamente no momento em que, uma vez cessado o tempo do pai, há que se dar continuidade ao seu sermão, razão de ser da família, função que acaba tomando para si.

O sermão nada mais é que a ferramenta do poder que passa de geração a geração, e o filho pródigo acaba viabilizando essa transição no momento em que “his manipulation of the language of the sermon serves . . . to perpetuate this language, which survives intact, as a vehicle of power independent of the message --discipline or licentiousness--which it is to convey” (Wolff 68). André sucumbe, portanto, à tradição inscrita nesse arcaico discurso do poder.

CHAPTER 3

Dualidade

A narrativa em Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, romance de Clarice Lispector publicado em 1969, gira em torno de Lóri, uma jovem professora que atravessa a experiência do amor por um professor de filosofia, Ulisses, em meio a duas possibilidades às quais remetem o próprio título da obra: aprender como amar--Uma aprendizagem--ou inventar a própria forma de amar--O livro dos prazeres.

Lóri é uma professora primária de família rica, mimada pela família por ser a única mulher entre os cinco filhos, que se muda para o Rio de Janeiro para começar uma nova vida, enfim independente. O seu dia-a-dia é marcado pela rotina sem grandes preocupações: trabalha dando aulas a crianças de baixa renda em uma escola, e o dinheiro (soma do baixo salário e da mesada paterna) é suficiente para manter o sonho de independência, que se resume a viver distante da família.

Lóri é, antes de tudo, produto de um lar onde, após a morte da mãe, tornou-se a única mulher. A configuração familiar parece ser uma pista para compreender o seu discurso, vinculado a uma verdadeira adulação do gênero masculino, que visualiza como um modelo a ser seguido, e a que aspira enquanto ferramenta de crescimento: “ela, que reconhecia com gratidão a superioridade geral dos homens que tinham cheiro de homens e não de perfume” (20). Essa vinculação com a noção da superioridade masculina aparece logo no início da estória, quando se fala de Ulisses, o professor de filosofia com quem Lóri mantém, de início, uma relação de flerte.

Ao longo da narrativa, descobre-se que os amantes que Lóri teve anteriormente não significaram nada quando diz a Ulisses que “eles [os amantes] não tinham importância senão relativa e passageira” (50-51). Há nessa afirmação a sugestão de que eram simplesmente passatempos sexuais que ajudavam a empurrar para longe as complicações de se entregar de fato ao amor, ou à tentativa de deixar-se enamorar-se.

Já em relação a Ulisses, a postura é outra: “Fora então que Ulisses aparecera casualmente na sua vida. Ele, que se interessara por Lóri apenas pelo desejo, parecia agora ver como ela era inalcançável. E mais: não só inalcançável por ele mas por ela própria e pelo mundo. Ela vivia de um estreitamento no peito: a vida” (40). É a articulação de como lidar com o amor que surge com Ulisses, despertando o medo de “uma possível intimidade de alma” (41) à qual Lóri não está acostumada.

A experiência de Lóri com o amor se torna, inicialmente, uma aprendizagem--como sinaliza um dos títulos do livro, já que nunca vivenciou o amor antes. E o erotismo é fundamental, pois é o jogo de abstinência que Ulisses estabelece, na expectativa da futura consumação sexual quando Lóri estiver pronta para amar, que mantém o propósito da aprendizagem e que, conseqüentemente, viabiliza a relação. De acordo com Foucault, “power is tolerable only on condition that it mask a substantial part of itself” (86), e esse mecanismo de mascarar o poder se aplica ao adiamento da consumação sexual e amorosa entre Lóri e Ulisses. O erotismo funciona, portanto, como o próprio poder que reforça os pré-requisitos de Ulisses que Lóri deve preencher para consumir a relação.

Desde o título do romance às características de Lóri e Ulisses, Uma aprendizagem remete à dualidade de idéias: uma mulher e um homem, em simultânea oposição e complementação dentro das próprias características biológicas. Embora sejam professores, diferem em grau de

ensino--primário e universitário. Mais evidente ainda é a escolha dos nomes, vinculados a mitos da tradição germânica (Loreley, a sereia que atrai marinheiros para a morte) e grega (Ulisses, o herói aventureiro atraído por Loreley) cuja significação é tratada como proposital por Klobucka:

They at the same time fulfill their mythical roles and exchange them with one another: Ulisses, himself a seducer, at first conquers Lori, only to metamorphose into a faithful Penelope awaiting for his beloved to complete her journey. Lori, even as she agrees to Ulisses' terms and embarks on an epic voyage of self-discovery, continues to behave as a siren who charms her resistant companion by wearing expensive, tight dresses and applying elaborate make-up in preparation for their dates. (126)

A interação entre os significados por trás desses nomes se dá de maneira ambígua, pois ao mesmo tempo há complementação e exclusão entre os papéis de mulher e homem. Dentro da noção de referências à tradição mitológica, encontra-se ainda uma referência ao mito religioso de Adão e Eva quando Lóri morde uma maçã--o bíblico fruto proibido--e tal acontecimento é descrito pela narradora como o começo de um “estado de graça” (154). Percebe-se nessas palavras uma inversão das implicações (religiosas) negativas de haver sucumbido a dita “tentação,” transfiguradas em algo positivo, principalmente por fazer referência a um prazer intenso com características eróticas.

Não é impossível fazer uma releitura dessa estória a partir desse vínculo bíblico que se estabelece considerando que “Lori and Ulisses' romance is also a rewriting of the biblical story of the first couple” (Klobucka 126). E um dos símbolos mais fortes, que serve aqui à tendência clariceana de caracterizar a natureza simultaneamente dual e complementar do homem e da mulher. É a noção de que Eva é criada da costela de Adão, assim como Lóri permite que Ulisses

a molde, abraçando sua experiência de vida e seus conhecimentos como verdadeira fonte de vida. O próprio Ulisses vê essa mulher como uma “tela nua e branca . . . enegrecida por fumaça densa, enegrecida por algum fogo ruim” (52), admitindo que “não seria fácil limpá-la” (52), mas tomando para si a função de trabalhar nessa tela mesmo nesse estado degradado.

Dentro da relação com Ulisses, Lóri é uma mulher que se pinta exageradamente, e se veste de forma quase vulgar para atingir o extremo do erotismo que irá despertar a força selvagem do desejo sexual masculino. Essa é a forma que conhece para atrair um homem, o “ritual of dressing for him (Ulisses)” (Mazzara 946) que a atrela ao papel de fêmea sedutora em busca de sexo.

Porém Ulisses deixa claro desde o início que não está interessado em apenas possuí-la: “Eu já poderia ter você com o meu corpo e minha alma. Esperarei nem que sejam anos que você também tenha corpo-alma para amar” (47). Há um direcionamento no sentido de uma relação erótica, que funciona, de acordo com Franconi, como o “despertar da excitação sexual e o seu conseqüente prolongamento, privilegiando o estado de desejo sobre o ato sexual consumado” (Franconi 17). Ulisses mantém esse adiamento do ato sexual aliado a uma constante intervenção no nível do discurso sobre Lóri que, segundo ele, não tem a intenção de aconselhar:

Eu não dou conselhos a você. Eu simplesmente - eu - eu acho que o que eu faço mesmo é esperar. Esperar talvez que você mesma se aconselhe, não sei, Lóri, juro que não sei, às vezes me parece que estou perdendo tempo, às vezes me parece que pelo contrário, não há modo mais perfeito, embora inquieto, de usar o tempo: o de te esperar. (53)

O período de espera desencadeia a transformação de Lóri, e Ulisses é parte do processo de aprendizagem, com frequência fazendo reprimendas a algum tipo de falha--e são muitas,

desde físicas, “esse teu corpo que sequer é bonito” (26), a comportamentais, “você é daquelas que precisam de garantia” (29), e até mesmo psicológicas, “você, além de esconder o que se chama alma, tem vergonha de ter um corpo” (68). O discurso de Ulisses busca, portanto, desconstruir Lóri para então recriá-la nos termos de como deve ser, que significa tornar-se diferente de quem é.

Enquanto Ulisses utiliza ativamente seu discurso na relação, direcionando-a, Lóri sente-se incapaz de articular o próprio discurso, demonstrando insegurança para expressar o que pensa: “Pareceu-lhe que Ulisses, se ela tivesse coragem de contar-lhe o que sentia, e jamais o faria, . . . responderia bem calmo” (20). Em outra passagem, torna-se evidente que a segurança de Ulisses intimida Lóri: “Era como se Ulisses tivesse uma resposta para tudo . . . e resolvesse não dá-la” (18). É, portanto, a crença na perspicácia de Ulisses diante da vida que provoca o surgimento do sentimento de dependência: “e agora a angústia vinha porque de novo descobria que precisava de Ulisses, o que a desesperava” (18-19). E a dependência é evidenciada essencialmente através dessa interação entre os discursos, onde o papel de Lóri se restringe muitas vezes a silenciar diante dos ensinamentos de Ulisses.

Para Foucault, “it is the moving substrate of force relations which, by virtue of their inequality, constantly engender states of power” (93), e a relação erótica permite a Ulisses exercer o poder sobre Lóri. A própria Lóri legitima o poder de Ulisses aceitando a perspectiva de que “Ulisses, na luta com ela, não era seu adversário: lutava por ela” (106), afinal não apenas o desejava, mas ainda o considerava “o limite entre o passado e o que viesse” (41), o homem com quem aprenderia a ser mulher.

Mesmo sob a intervenção desse discurso dominante, a transformação de Lóri opera em direção a outras perspectivas e possibilidades, sobretudo de como vivenciar a relação amorosa.

Terá que entregar-se às incertezas de um caminho que ainda não existe, que nem sempre faz sentido, e que deve ser construído por ela mesma, pouco a pouco:

‘Não entender’ era tão vasto que ultrapassava qualquer entender – entender era sempre limitado. Mas não-entender não tinha fronteiras e levava ao infinito, . . . O bom era ter uma inteligência e não entender. Era uma bênção estranha como a de ter loucura sem ser doida. . . . Compreender era sempre um erro – preferia a largueza tão ampla e livre e sem erros que era não entender. (43-44)

Para Lóri, o desafio de não entender implica viver fora da própria rotina do trabalho e dos relacionamentos, que são compreensíveis e previsíveis. Ao contrário da rotina, a entrega ao amor exige caminhos desconhecidos, e como descobre que “o seu caminho era os outros” (57), ou seja, as outras pessoas, poderia prever apenas o seu próprio “modo de andar” (57), mas não o desses outros--ou mesmo o de Ulisses. Lóri percebe, então, que “quando pudesse sentir plenamente o outro estaria salvo e pensaria: eis o meu porto de chegada” (57), e esse “porto de chegada” coincide, na narrativa, com a entrega amorosa a Ulisses, que funciona como um símbolo de que está pronta para viver e amar plenamente.

Dentro da relação, Lóri assume o papel de mulher frágil, com todos os artifícios dos quais deve se utilizar para conquistar e manter ao seu lado o homem desejado, Ulisses, que goza da auto-suficiência de ser homem. Esse contraste entre Lóri e Ulisses opera no sentido de que “their respective discursive characterization incorporates a rich array of male and female stereotypes” (Klobucka 127). É perceptível esse jogo de estereótipos em vários pontos da narrativa, como na insistência de Ulisses sobre a quantidade de amantes de Lóri (51), ou quando questiona se ela foi abordada na rua também pelos outros amantes (50). Essas perguntas transparecem um certo machismo, pois o próprio Ulisses admite que dorme com outras mulheres enquanto mantém essa

relação indefinida: “Você sabe, não é, que enquanto sou apenas seu amigo, tenho dormido com mulheres. Com uma fiquei meio ano” (95). A sexualidade, portanto, aparece como livre de tabus para o homem, mas não para a mulher, o que permite a Ulisses exercer o controle dessa relação no nível erótico, sendo mais “acentuadamente dominante” (Franconi 28) que a inexperiente Lóri.

Esse domínio no campo do erotismo que rege a relação se projeta, portanto, também no discurso, já que Ulisses é a causa primordial da transformação de Lóri. O discurso de Lóri reproduz as incertezas de uma mulher que avalia o seu crescimento como pessoa como reflexo de sua convivência com Ulisses: “reconhecia com irritação que na verdade esses pensamentos que ela chamava de agudos e sensatos já eram resultado de sua convivência mais estreita com Ulisses” (20). Vê-se, portanto, uma repetição nesse discurso da relação perpétua entre homens e mulheres, onde a mulher é apenas o que o homem permite que seja.

Dentro das relações do discurso, Bakhtin propõe que “na vida agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem” (Marxismo 35-36). E a postura de Lóri abarca essa importância do ponto de vista de Ulisses, internalizado no seu discurso, para julgar a própria capacidade dela de crescimento.

Talvez o ponto mais emblemático da mudança que começa a operar em Lóri seja o do banho de mar às 6 da manhã, que é descrito na forma de uma experiência erótica e existencial (78-80). Em momentos como este é possível visualizar uma Lóri completamente diferente, capaz de enxergar além do lugar-comum das concepções sobre homens e mulheres: “Era a maresia, palavra feminina, mas para Lóri o cheiro maresia era masculino. . . . Como explicar que o mar era o seu berço materno mas que o cheiro era todo masculino? Talvez se tratasse da fusão

perfeita” (110). A percepção da maresia enquanto andrógina, fusão dos gêneros feminino e masculino, como se os gêneros formassem um contínuo ou ainda fossem intercambiáveis, contrasta com o discurso linear e submisso que surge nos demais momentos da narrativa.

São esses os momentos de epifania de Lóri, recurso utilizado por Clarice Lispector para fazer “uma súbita revelação da verdade” (Sant’Anna 5), nos quais é capaz de enxergar a verdadeira natureza por trás de todas as arquiteturas da teia social, a mesma que separa seu papel do de Ulisses. Através de uma canalização erótica com a “exuberance of life” (Bataille 11) representada pela natureza, Lóri consegue apreender a realidade à sua volta, e com a própria vida--até então impalpável.

Mazzara e Parris afirmam que “for Clarice it is first through a sharing between the person and non-human reality that life has meaning” (710). É no discurso interno e psicológico desses raros momentos de interação com a realidade através da interação com a natureza que vemos o significado da Lóri que ela tanto busca descobrir dentro de si, mas que só aflora enquanto processo epifânico. Para Bataille, a transmutação erótica da natureza funciona como ferramenta para fazer aflorar “the self-contained character of the participator as they are in their normal lives” (17), e através da transmutação, Lóri restabelece uma integração, um contínuo com o mundo exterior.

Durante o banho de mar, Lóri passa por um processo praticamente ritualístico que “presents [her] own coming into a different kind of adulthood as a falling out of the established order and back into some sort of prehistoric cosmic soup of androgyny” (Klobucka 127). É como um retorno a uma origem ainda mais distante da relação entre homens e mulheres e, para além disso, uma relação entre seres humanos.

A experiência epifânica, no entanto, não altera seu discurso, nem seu relacionamento com Ulisses: “some of the strongest affirmations of sexual difference at its most conventional occur, within the discourse of the novel, well after the sea bath episode” (Klobucka 128). Um exemplo desse discurso das diferenças é a afirmação da narradora de que Lóri “sabia que ainda não estava à altura de usufruir de um homem” (119), que aparece após o banho de mar.

Há, portanto, uma ambigüidade entre o discurso epifânico, que apresenta os gêneros masculino e feminino fora das limitações dos papéis a que se restringem, e o discurso do cotidiano, de como Lóri escolhe viver a vida. Em determinadas passagens, a narrativa explicita o medo de perder a própria identidade, já que Lóri “tinha uma espécie de receio de ir, como se pudesse ir longe demais – em que direção?” (41). Ora, a noção identitária que possui é justamente essa da separação entre os gêneros, que determina o papel dominante de Ulisses: “E então veio finalmente o dia em que ela soube que não era mais solitária, reconheceu Ulisses, tinha encontrado o seu destino de mulher” (116-17). E os papéis de homem e de mulher são destacados com frequência no seu discurso: “Ele, o homem, se ocupava atizando o fogo. Ela nem se lembrava de fazer o mesmo: não era o seu papel, pois tinha o seu homem para isso. Não sendo donzela, que o homem então cumprisse a sua missão” (22). É assim, portanto, que Lóri sabe ser, como reflete o discurso da mulher em oposição ao homem.

Dentro da oposição entre os papéis de homem dominante e de mulher dominada, é compreensível que Ulisses seja o mentor do processo marcadamente erótico pelo qual espera que passe Lóri, sua futura e idealizada amante. O processo de aprender a ser, na verdade, acaba tomando a direção do que Ulisses quer que Lóri seja: “Você está pronta, Lóri. Agora eu quero o que você é” (136). Esse desfecho contrasta com o discurso de Ulisses no início da narrativa,

quando instiga a pobre professora primária a libertar-se verdadeiramente, ao invés de apenas fingir uma independência.

Por sua vez, a noção de independência contrasta diretamente com a noção de romance, já que “solidarity of romance and solitude of quest are bound to coexist in irresolvable tension, even as, at the same time, they appear to blend seamlessly within the androgynous fantasy enacted in the novel” (Klobucka 128). Essas duas noções são levadas ao extremo, fixando a dificuldade de possuir ambos, e acentuando a dualidade de idéias presente na narrativa.

Enquanto o discurso de Lóri evolui no sentido de um “fundir-se com Ulisses” (119), que beira o misticismo do “contínuo” de Bataille, Ulisses se debate com as amarras sociais dessa entrega, incrustando o próprio discurso de estratégias para viabilizá-la em vez de demonstrar uma entrega semelhante. Essas diferenças entre os discursos se manifestam, por exemplo, quando Lóri confessa o desejo de engravidar naquela mesma noite do primeiro encontro sexual, ao que Ulisses responde: “Seja paciente. Aliás, da próxima vez, você tem que tomar cuidado porque vamos esperar pelo momento certo de ter um filho. Antes, para facilitar, inclusive, o certo será mesmo nos casarmos” (154). Ulisses continua, portanto, preso aos mesmos tipos de convenções das quais parecia fugir até então com seu discurso de liberdade.

Muito embora Lóri tenha atingido de fato a capacidade de “ser,” provocada pela jogo erótico, seu discurso é silenciado, “sugerindo que as fronteiras sociais não caíram” (Moser 12) e explicitando “a sua situação precária como ‘sujeito’ na relação com Ulisses” (Moser 12). Portanto, essa aparente sintetização de extremos que, em tese, são irreconciliáveis, como o prazer e o amor, a vida pessoal (independente) e a vida conjugal (dependente), parece frágil diante de um evidente desequilíbrio entre a direção e o propósito do discurso de Lóri e Ulisses nesses últimos momentos da narrativa.

O desequilíbrio entre os discursos de Lóri e Ulisses aparece já na estrutura da narrativa: a abertura de Uma aprendizagem é feita com uma vírgula--recurso gramatical que se presta à organização e adição de idéias--, onde é Lóri que se pronuncia, em suas digressões habituais: “, estando tão ocupada, viera das compras de casa que a empregada fizera às pressas . . . pensou no que ele [Ulisses] estava se transformando para ela, no que ele parecia querer que ela soubesse” (13). Enquanto isso, o fechamento é feito com dois pontos, introduzindo o discurso de Ulisses: “Eu penso, interrompeu o homem e sua voz estava lenta e abafada porque ele estava sofrendo de vida e de amor, eu penso o seguinte:” (155). É o discurso de Ulisses--interrompendo secamente o de Lóri--que encerra a obra em si, ao menos formalmente.

Há uma bipartição interpretativa da crítica literária com respeito a Uma aprendizagem que pressupõe duas maneiras de encarar o romance, que são “a humanist tale of love triumphant or a sly feminist parody, not to say condemnation, of the romance plot and male and female discursive and social conventions” (Klobucka 125). A própria Klobucka admite a existência de pistas dentro da narrativa que indicam haver uma ambigüidade interpretativa na obra:

To begin with, its title is really two titles, joined by an alternative conjunction, a syntactic choice that makes the relation between the two segments in itself ambiguous: does the conjunction denote here an exclusive alternative (either ‘an apprenticeship’ or ‘the book of delights’) or does it merely introduce a second term that amplifies or explains the meaning of the first (as in ‘an apprenticeship’ or, in other words, ‘the book of delights’)? (125)

A relação entre os dois títulos do livro, portanto, pode indicar tanto que Lóri é conduzida a escolher entre aprender ou ter prazer, quanto a de fundir ambas as possibilidades na relação com Ulisses. Para Klobucka, a relação entre as duas perspectivas em Uma aprendizagem é:

Clearly suggestive of the novel's twin plots of quest and romance, the title not only introduces the theme of duality, but in fact suggests that the relationship between the components of its multiple binaries is likely to be problematic. (125)

A problemática da dualidade é reforçada pelo final, onde há diferentes realidades explicitadas através do discurso. Para Lóri, a consumação da relação com Ulisses “era a grande liberdade de não ter modos nem formas” (149), enquanto Ulisses faz referência a “casarmos para estarmos juntos” (153), e o que é o casamento senão um modelo? Aliás, Ulisses continua a censurar Lóri, como quando falam sobre quem são e Ulisses lhe diz que “Eu, que sou mais forte que você, não posso me perguntar ‘quem eu sou’ sem ficar perdido” (154). É um discurso de censura da capacidade adquirida por Lóri de ser capaz de, afinal, expressar um pensamento próprio, sem interferência das palavras de Ulisses.

De acordo com Bakhtin, “language . . . represents the co-existence of socio-ideological contradictions between the present and the past . . . between tendencies” (*Four Essays* 347), e é essa contradição que surge no final de Uma aprendizagem, demonstrando a dificuldade que Ulisses possui em colocar em prática no presente as idéias que permeiam seu discurso, acabando por alterá-lo. Para Foucault, “there can exist different and even contradictory discourses within the same strategy” (102), perspectiva que se aplica às diferentes tendências do discurso de Ulisses, que são sintomáticas da dissonância entre as afirmações do passado, e as ações do presente, levando a crer que quem se liberta de fato, tanto no nível do discurso como da ação, é Lóri. Ainda de acordo com Foucault, o discurso pode ser “a point of resistance and a starting point for an opposing strategy” (101), e afinal é a humilde discípula e não o professor-filósofo que experimenta os prazeres da verdadeira redescoberta da vida.

CHAPTER 4

Conclusão

Lóri e André, personagens principais de Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres de Clarice Lispector, e Lavoura arcaica de Raduan Nassar, atravessam a problemática de construir discursos próprios em estruturas sociais rígidas onde os papéis se resumem às oportunidades criadas por quem detém o poder. Há semelhanças entre as tentativas de ambos para reverter as relações de poder, apropriando-se das mesmas ferramentas de dominação dos opressores: o discurso e o erotismo.

Foucault descreve os discursos como “tactical elements or blocks operating in the field of force relations” (101). É a partir da noção das relações de força que Lóri e André utilizam o discurso como ferramenta de poder para reverter os papéis sociais, já que o discurso de Ulisses controla o relacionamento com Lóri, e o do pai de André mantém as tradições herdadas dos antepassados que mantém a família sob o signo do patriarcalismo.

Já o erotismo surge nas relações enquanto procrastinação ou repressão do ato sexual. Ulisses controla Lóri através de um jogo de abstinência sexual, cujas regras se aplicam à transformação de Lóri na mulher que Ulisses deseja que seja. Em contrapartida, a procrastinação desencadeia o crescimento pessoal e a entrega sexual e amorosa de Lóri a Ulisses. Enquanto isso, para André, a repressão do erotismo--simbolizado pela sugestão de uma relação incestuosa com a irmã Ana--força o abandono temporário do lar, atitude que expõe pela primeira vez a existência de discordância dentro da família.

As diferentes realidades em Uma aprendizagem e Lavoura arcaica refletem o poder do discurso como ferramenta do poder: quem detém o discurso, também molda a realidade (Gilbert 487), e frequentemente o faz de forma a resguardar esse poder. Vê-se, dessa forma, que as realidades moldadas pelos discursos dominantes do pai e de Ulisses possuem lógicas mantenedoras das instituições que viabilizam seus papéis principais.

Ulisses é, antes de tudo, homem, o que já lhe garante, dentro da sociedade patriarcal, destaque e liberdade de ação em relação a Lóri. Sendo professor universitário, da área de Filosofia, contrasta diretamente com a imagem de uma professora primária, inexperiente. Ele também é da grande cidade, enquanto ela é recém chegada à metrópole. É ele que dá o passo decisivo quando se conhecem, oferecendo uma carona.

Tanto o perfil quanto a teia de ação de Ulisses comprovam seus privilégios sociais em relação a Lóri desde o início. Não é de se estranhar, portanto, que a voz dominante seja a sua. E se Lóri se lança a um aprendizado é, em princípio, porque sem isso não poderá ter Ulisses, já que ele estabelece desde o início condições e pré-requisitos para que a sua relação evolua de acordo com seus próprios termos, como quando diz a Lóri que “se você chegar a ser minha, do modo como quero, gostaria de ter um filho seu, assim mesmo, com você sem pintura no rosto e coberta de suor. . . . E ainda demorará porque você não descobriu o que precisa descobrir” (96). O discurso dominante mantém a hierarquia dentro do relacionamento, garantindo ao homem--Ulisses--a posição de determinar quando e de que maneira poderá aceitar a mulher--Lóri.

Com o pai de André, os sermões, herdados de antepassados, passados de pai para filho desde outras gerações, também perpetuam as relações hierárquicas dentro da família. É a distribuição fixa dos membros na mesa das refeições que simboliza essa hierarquia, tendo o patriarca como poder central, de onde emanam as possibilidades ou impossibilidades: os filhos

mais velhos--Pedro, Rosa, Zuleika e Huda--à sua direita, e a mãe e os mais novos--André, Ana e Lula--à sua esquerda. Por sua vez, o pai preenche o lugar herdado do seu pai, e é assim que será para os seus filhos, e para os filhos destes. As mulheres da família não devem esperar a herança desse poder patriarcal, do qual a própria mãe não dispõe.

Não há espaço dentro desse mundo para descontinuidade do poder. Não se trata de conquistar, mas de herdar--e de manter intacta a herança. Há um acordo tácito sobre a realidade construída pelo discurso patriarcal que inviabiliza quaisquer outras realidades, onde cada um assume o papel mínimo de constituir esse todo. Como André não passa de um dos alicerces de sustentação familiar, o seu discurso não possui poder de afirmação perante o discurso dominante.

Tanto Lóri quanto André têm a sexualidade reprimida pelo detentor do discurso dominante na relação. No caso de Lóri, é a repressão da sexualidade imposta por Ulisses que torna possível mantê-la por perto durante mais tempo para que possa operar a concretização da mulher que ele deseja que ela seja: “do modo como eu queria que você fosse minha, só acontecerá quando você também quiser desse mesmo modo. E ainda demorará porque você não descobriu o que precisa descobrir” (96). A aprendizagem de Lóri serve, portanto, para alcançar esse ideal de mulher sugerido por Ulisses.

No entanto, o processo de aprendizagem é encarado de forma diferente por Lóri, que efetivamente acaba se conhecendo melhor e descobrindo que, afinal, “não sabia viver” (86). Mesmo dentro das limitações, ela se redescobre e consegue chegar a conclusões sobre a infinidade de possibilidades dentro dessa realidade que, antes de mais nada, deveria existir dentro dela mesma. A questão seria descobrir maneiras de exteriorizá-la: “Ela quis retroceder. Mas sentia que era tarde demais: uma vez dado o primeiro passo este era irreversível, e empurrava-a para mais, mais, mais! O que quero, meu Deus. É que ela queria tudo” (74). Se o

primeiro passo foi impulsionado por Ulisses, os demais demonstram Lóri ciente do “direito-de-ser” (128), que significa um verdadeiro renascimento, uma consciência de si adquirida pela experiência da aprendizagem.

Já André vivencia uma experiência distinta com o erotismo. De um lado, a moral exagerada do pai. Do outro, as carícias sedutoras da mãe. E entre um e outro, nasce o desejo avassalador por Ana. Acontece que o erotismo nesse contexto é absolutamente proibido e condenado pela palavra do pai, e, em contrapartida, instigado pela mãe. Logo, a sua experiência se situa entre a absoluta repressão e o extravasamento desmedido, sem um estado intermediário que comporte um aprendizado. A maneira como expressa a experiência permeada pelo erotismo é de quem aguarda pelo destino final de uma jornada marcada pela degradação do próprio ser:

‘Era Ana a minha enfermidade, ela a minha loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu arrepio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos’ gritei de boca escancarada, expondo a textura da minha língua exuberante, indiferente ao guardião escondido entre meus dentes, espargindo coágulos de sangue, liberando a palavra de nojo trancada sempre em silêncio, . . . (86)

André entrega-se cada vez mais ao instinto, às noções sensoriais, ora mergulhando em divagações incestuosas sobre Ana, ora esvaindo-se em uma sexualidade selvagem com prostitutas. Não é capaz, portanto, de canalizar a experiência erótica de forma conciliatória. Lóri, em contrapartida, atravessa o período de erotismo conhecendo a si mesma, detectando os próprios limites e possibilidades, e projetando as formas distintas de dar vazão ao seu “ser erótico” (Moser 12), de essência andrógina, na relação com Ulisses.

As diferenças nas características desse discurso erótico, nesse ponto, são inegáveis, visto que em Uma aprendizagem, mesmo havendo restrições de gênero e da ordem patriarcal, há uma

tentativa de equilibrar os dois opostos da relação dentro de uma perspectiva de alcançar um objetivo em comum com o qual ambos estão de comum acordo. Ainda que Ulisses manipule o desenrolar dessa relação, não o faz abertamente com esse propósito, permanecendo a idéia reafirmada por Lóri de que ele “não era seu adversário: lutava por ela” (106). O processo aqui é, de certa forma, conjunto.

Enquanto isso, em Lavoura arcaica, a barreira intransponível do incesto se ergue desde o início entre André e seu objeto de desejo, além de não haver, na maior parte do tempo, correspondência por parte de Ana. Esse erotismo é, portanto, velado e, como tal, oferece poucas oportunidades de uma realização pessoal. Ainda assim, a força desse componente erótico é que impulsiona o abandono (provisório) do lar e, no seu retorno, a conversa com o pai, mesmo que infrutífera. É, portanto, um potencial instigador da ordem paterna, abrindo possibilidades de contestação, pois o próprio sentimento que André tem por Ana já é uma transgressão da palavra apregoada pelos sermões do pai.

De um modo ou de outro, mesmo o erotismo é limitado pela realidade construída através do discurso dominante, visto que, como coloca Bataille, “we find the various individuals classed into distinct categories which decide which sexual unions are forbidden and which encouraged” (197). O incesto faz parte de um conjunto de proibições, e é reconhecido em nível universal dentro de uma fundamentação genética de que casamentos consangüíneos trazem problemas para a raça (Bataille 197-98). É, por conseguinte, o discurso do pai que traz a proibição para dentro do lar, interrompendo algo--o incesto--que, em outras circunstâncias, pareceria natural.

O significado da aceitação do discurso dominante, com relação ao erotismo, é distinta para Lóri, pois implica atingir o clímax do seu “ser erótico” (Moser 12), verdadeiro símbolo do “fundir-se com Ulisses que fora e era o seu desejo” (119). Além disso, o discurso de Ulisses é,

para Lóri, superior ao que o seu possa algum dia vir a ser, sendo imprescindível para seu crescimento. Já para André, a aceitação significa o fim mesmo do seu objeto erótico (Ana) que o discurso do pai proíbe deliberadamente.

É a partir daí que as necessidades concernentes à relação com o discurso dominante se diferenciam, porém culminando em desfechos semelhantes. O caminho percorrido por Lóri no sentido de passar por uma aprendizagem acaba propiciando a vivência dos prazeres de que trata o outro título do livro, embora seja guiada pelos termos de Ulisses, o homem da relação. A experiência se torna catalisadora de uma mudança representada pelos momentos epifânicos, como o banho de mar (69-70), por exemplo, quando Lóri demonstra consciência de si e de sua androginia.

Essas transformações, no entanto, curiosamente não alteram a relação que mantém com Ulisses, que se dá por satisfeito ao testemunhar a personificação do ideal que projetou para Lóri desde o início da relação. Lóri incorporou, enfim, o discurso dominante para, a partir daí, produzir o seu próprio discurso, que aparece simbolizado, entre outros, no momento em que fala sobre seu nome: “Você tinha me dito que, quando me perguntassem meu nome eu não dissesse Lóri, mas “Eu”. Pois só agora eu me chamo “Eu”. E digo: eu está apaixonada pelo teu eu. Então nós é. Ulisses, nós é original” (148). Percebe-se claramente uma simbiose entre o discurso de Ulisses e o discurso de Lóri, “recém-nascido.”

A mesma sorte não chega para André. Tendo passado muito tempo tentando renegar o discurso do pai, constituído por verdadeiros sermões herdados dos antepassados, André parte para “pregar seu credo, como um apóstolo do corpo, sem muitas esperanças, mas vivo e inspirado” (Vieira 111), como quando tenta convencer Ana de que “o equilíbrio, de que fala o pai, vale para tudo, nunca foi sabedoria exceder-se na virtude” (133). O discurso de André surge,

portanto, com o intuito de convencer Ana a aceitar sua interpretação do discurso paterno, buscando dominar a voz da irmã.

A apropriação do discurso do pai expõe uma inevitável relação na construção do discurso, já que, de acordo com Bakhtin, “not all words . . . submit equally easily to this appropriation, to this seizure and transformation into private property” (*Four Essays* 294), e André é influenciado, mesmo a contragosto, pelo discurso paterno. A problemática é, no entanto, a de André usar a mesma estratégia de pregação do pai, permeada de persuasão e coerção, para passar adiante o próprio pensamento, enquanto sua intenção primordial era de ser profeta da própria estória, sem seguir as idéias passadas como verdades absolutas de geração a geração.

É nos momentos finais de *Lavoura arcaica* que transparece a tendência de André de reproduzir o discurso paterno, de utilizar a palavra para pregar, pois “o texto final, assim como outros fragmentos do livro, é uma repetição. É a palavra do pai de que André agora se apropria” (Rissin 16). O propósito com que usará a herança do discurso do falecido pai é desconhecido, uma vez que encerra-se nesse ponto a narrativa. Porém a escolha de transcrever as palavras de um dos muitos sermões do pai como última manifestação do discurso de André é sintomática da inevitabilidade de perpetuar esse poder que passa de pai para filho, denotando ter chegado sua vez de assumir tal papel.

As narrativas de *Lavoura arcaica* e *Uma aprendizagem* aproximam-se, portanto, quanto à ambigüidade discursiva e erótica que permeia a caracterização dos personagens principais. Com André, a relação erótica com Ana e Lula, ainda que apenas sugerida, aponta na direção de uma androginia, uma indefinição da identidade sexual, assim como com Lóri e sua descoberta da natureza dual--masculina/feminina--da maresia, que funciona como símbolo do seu próprio ser andrógino. E as vozes de André e Lóri, por fim, refletem essa dualidade, já que ambos constroem

discursos que, não sendo exclusivamente seus, revelam a impossibilidade de criar um discurso inteiramente dissociado do discurso dominante, que está no cerne da sua razão de ser.

De acordo com Foucault, “Discourse transmits and produces power; it reinforces it, but also undermines and exposes it, renders it fragile and makes it possible to thwart it” (101). E dentro da perspectiva de reverter o discurso dominante, há a possibilidade em Uma aprendizagem de estabelecer uma simbiose para transformar a palavra dominante e adequá-la à uma nova realidade, como é o caso de Lóri em relação a Ulisses. Porém, em Lavoura arcaica, André se depara com uma realidade que se firma através de forças atemporais, refletidas em um discurso engajado, e a única saída para sobreviver é aceitar, com o peso de um destino herdado, colher os frutos dessa lavoura arcaica.

Works Cited

- Bakhtin, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- . The Dialogic Imagination: Four Essays. Austin: University of Texas, 1981.
- Bataille, Georges. Erotism: Death and Sensuality. New York: Walker and Co., 1962.
- Feracho, Lesley. Linking the Americas: Race, Hybrid Discourses, and the Reformulation of Feminine Identity. Albany: State University of New York, 2005.
- Foucault, Michel. The History of Sexuality. New York: Pantheon Books, 1976.
- Franconi, Rodolfo. Erotismo e poder na ficção brasileira contemporânea. São Paulo: Annablume, 1997.
- Gilbert, Sandra. "Literary Paternity." Critical Theory Since 1965. Ed. Hazard Adams and Leroy Searle. Tallahassee: Florida State University Press, 1986. 486-96.
- Hollanda, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1936.
- Klobucka, Anna. "Quest and Romance in Lispector's Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres." Luso-Brazilian Review 36.1 (1999): 123-30.
- Lispector, Clarice. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Rocco, 1969.
- Mazzara, Richard. "Another Apprenticeship: Clarice Lispector's A descoberta do mundo and Uma aprendizagem." Hispania 70.4 (1987): 945-48.
- . Richard, and Lorri Parris. "The Practical Mysticism of Clarice Lispector's Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres." Hispania 68.4 (1985): 709-15.
- Moser, Robert. "O erotismo em Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres" de Clarice Lispector. Unpublished paper, 1996.
- Nassar, Raduan. Lavoura arcaica. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

Rissin, Ruth. “O universo primitivo em Lavoura arcaica.” APERJ.com Jan. 2008.

<http://www.rio4.org.br/v2/artigos/o_universo_primitivo_de_lavoura_arcaica.pdf>

Sant’Anna, Affonso. Introduction. A legião estrangeira. By Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1977.

Vieira, Miguel. “O percurso inicial da revolta em Lavoura arcaica,” de Raduan Nassar. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários 11 (2007): 103-12.

Weber, Max. The Theory of Social and Economic Organization. Glencoe: Free Press, 1957.

Wolff, María. “Em paga aos sermões do pai”: Lavoura arcaica by Raduan Nassar. Luso-Brazilian Review 22.1 (1985): 63-69.